

Imigração coreana

A questão da reemigração e do retorno

*Rafael Monteiro **

*Sênia Bastos ***

Desde o início das primeiras levas emigratórias significativas de coreanos na década de 1860 para a região da Manchúria, na China, a península da Coreia viu milhões de habitantes deixarem sua terra natal em busca de melhores condições de vida. No que se refere à imigração coreana na América do Sul, especialmente no Brasil, concentra-se no período da emigração Pós-Guerra da Coreia.

A emigração coreana para o Brasil teve seu início na década de 1960, quando o governo coreano adotou uma política emigratória com o intuito de diminuir a concentração demográfica e os conflitos sociais no país. Foi um processo financiado e organizado pela população civil, que após a Revolução Militar de 1961 foi em busca de prosperar em terras estrangeiras. Entre os países americanos que mais receberam imigrantes coreanos a partir da década em questão, o Brasil está em terceiro lugar, precedido apenas pelos Estados Unidos e Canadá (MERA, 2005).

Apesar de tentativas não muito bem sucedidas de inserção dos coreanos recém-chegados na agricultura, foi no meio urbano que esse grupo realmente se estabeleceu. Desde a fase oficial da imigração coreana, em 1963, até a fase da imigração irregular, na década de 1980, eles se concentraram principalmente em bairros centrais da cidade de São Paulo, e se dedicaram a uma série de diferentes atividades econômicas até se estabilizarem no ramo da confecção e comercialização de roupas prontas.

* Mestre em Hospitalidade e bacharel em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi.

** Doutora em História pela PUC/SP, Prof^a. do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi.

Há também o caso de imigrantes coreanos que, insatisfeitos com sua condição financeira no Brasil, ou com a situação econômica do país, especialmente na década de 1990, resolveram reemigrar para os Estados Unidos, principalmente, ou retornar para a sua terra natal. Com o crescimento rápido da economia coreana a partir do final da década de 1980, muitos coreanos sentiram-se tentados a retornar para a Coreia, no entanto, a maioria já enraizada permaneceu no Brasil.

O objetivo do presente trabalho é apresentar a discussão os resultados dos estudos existentes na literatura especializada sobre o tema da reemigração e do retorno dos coreanos, tendo em vista que não há publicações sobre o assunto em português. É também objetivo analisar o conteúdo de entrevistas com imigrantes coreanos para enriquecer e esclarecer a discussão já desenvolvida.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove imigrantes coreanos, nascidos entre os anos 1942 e 1977, dos quais dois são do sexo masculino. Esse grupo selecionado chegou ao Brasil entre os anos 1965 e 1984, e seus integrantes dedicam-se à realização de atividades econômicas que variam da confecção e do comércio à educação.

Migração Transnacional

A fase da migração coreana iniciada na década de 1960 até os dias atuais ocorreu durante um período em que a mobilidade física e a comunicação já não eram grandes barreiras como no início do século passado.

A possibilidade de locomover-se com mais facilidade e conforto em menos tempo, somada aos avanços dos meios de comunicação, permite (e já permitia há pelo menos duas décadas, porém, de forma diferente) maior flexibilidade em se optar por migrar em momentos de crise ou de oportunidade. A perspectiva de ampliação de negócios, de desenvolvimento acadêmico e profissional no exterior passou a ser uma opção mais real ao redor do mundo.

Entre os coreanos, hoje, verifica-se a existência de negócios internacionais, famílias espalhadas pelo mundo, filhos sendo enviados para outros países para completar seus estudos, evidenciando novos tipos de transnacionalismo, ou seja, mudanças nos antigos formatos de migração. Park (2009), em um estudo sobre migrações transnacionais entre coreanos-latino-americanos, traça as rotas migratórias feitas por seus entrevistados, que chegam a ter seis ou mais etapas, como é o caso da rota Coreia do Sul-Paraguai-Argentina-Brasil-EUA-México-EUA.

Hoje há grandes diferenças que facilitam e motivam migrações transnacionais. Levitt et al. afirmam que essas diferenças não se limitam ao fato de que novas tecnologias em transportes e comunicação permitem conexões mais rápidas e menos caras, mas também nota-se que “em comparação ao passado, quando a assimilação era exigida de forma mais vigorosa, há um contexto social mais tolerante à diversidade étnica e a conexões transnacionais de longo prazo” (2003, p. 569 – tradução livre)¹.

Curiosamente, a noção de uma ligação forte entre o migrante e o lugar físico, seja ele uma cidade, uma vila, etc., não está mais necessariamente vinculada

à afirmação de sua identidade, tendo em vista que a participação em grupos étnicos e religiosos pode ocorrer em níveis locais, regionais e nacionais (LEVITT et al., 2003). Isso quer dizer que, um imigrante coreano, por exemplo, pode participar ativamente nas atividades da comunidade coreana em São Paulo sem apresentar lealdade ao seu lugar de origem, e sim às práticas culturais do grupo. E ao mencionar o grupo, nota-se que há membros com diferentes históricos migratórios, que trazem consigo um repertório cultural único.

Muitos dos coreanos que chegaram diretamente ao Brasil nas décadas de 1960 e 1970 não permaneceram aqui, enquanto outros aqui chegaram após terem passado por outros países antes de alcançar seu destino final, que para alguns foi o próprio Brasil e, para outros, os Estados Unidos, por exemplo. Em função da dificuldade na obtenção de vistos de permanência, algumas famílias foram antes para países como Paraguai e Bolívia, onde permaneceram por pouco tempo até conseguirem (de forma legal ou não) entrar no Brasil e na Argentina.

Dados compilados por Choi (1991) apontam que medidas restritivas impostas pelo governo brasileiro à entrada de coreanos em 1972 apenas mudaram a direção dos fluxos de imigrantes. De acordo com a tabela 1, o número de ingressos no Brasil em 1972 foi de 2.635, seguido por uma brusca queda em 1973, com apenas 194 ingressos. No entanto, o número de ingressos no Paraguai aumentou drasticamente a partir de 1972, passando de 94 naquele ano, para 6.727 ingressos em 1976.

Tendo em vista que a estimativa da população coreana no Paraguai era de 10 mil pessoas em 1999 (PARK, 1999) e de 6 mil atualmente, de acordo com o Ministério das Relações Internacionais e Comércio da República da Coreia², o número de coreanos que permaneceu no Paraguai é muito menor do que o apresentado na tabela 1, que contabiliza apenas nove anos de entradas na América do Sul. Park (2009) traz ainda informações de que aproximadamente 40 mil coreanos chegaram a se estabelecer no Paraguai, contrastando com o número muito menor de 6 mil coreanos vivendo no país atualmente.

Mera (2005) também apresenta em seu estudo informações de outros autores que afirmam que praticamente metade dos coreanos que foram para o Paraguai reemigraram para o Brasil e para a Argentina. No entanto, a literatura mostra que, em função de instabilidades político-econômicas havidas na Argentina já no final da década de 1970, quatro vezes mais coreanos que passaram pelo Paraguai reemigraram para o Brasil (PARK, 2009).

Tabela 1: Entradas de coreanos no Brasil e no Paraguai / 1970-78.

Ano	Brasil	Paraguai
1970	1.775	52
1971	1.393	11
1972	2.635	94
1973	194	192
1974	184	714
1975	136	2.391
1976	107	6.727
1977	71	1.211
1978	41	1.515
Total	6.536	12.907

Fonte: Ministério das Relações Exteriores da República da Coréia, 1985 apud CHOI, 1991.

O caso da família da Entrevistada 9 ilustra bem a questão da transnacionalidade. Em função de um problema de saúde do pai, a família resolveu mudar para um país com temperaturas mais amenas e, inicialmente, década de 1970, planejava ir para os Estados Unidos. Tendo o visto negado, a família deixou a Coreia em 1976 e foi para o Paraguai, onde permaneceu por aproximadamente três meses, até conseguir reemigrar para a Argentina. Neste último país, seus integrantes permaneceram por quase sete anos, porém, em função da situação do país e da saúde do pai, reemigraram para o Brasil, onde mantinham contato com uma igreja local, e se fixaram definitivamente. Desde quando residiam na Coreia, dedicavam-se ao trabalho com bordados, e assim seguiram ao longo de sua trajetória na América do Sul. Trabalharam no ramo da confecção em Buenos Aires, e em São Paulo tiveram oficina de costura, de caseado, de bordado e também trabalharam com loja.

No caso da reemigração para os EUA, é sabido que há uma grande atração por parte dos coreanos pelo estilo de vida norte-americano, pois representa um referencial de sucesso profissional e financeiro muito valorizado pela sociedade coreana. Somado aos problemas socioeconômicos pelos quais o Brasil passou nas décadas de 1980 e 1990, muitos coreanos sentiram-se motivados a perseguir o tão sonhado *American dream*. Park (1999) menciona que aproximadamente a metade dos quinhentos ou seiscentos estabelecimentos de roupas filiados ao *Korean Garment Wholesalers Association in the United States*³ são operados por coreanos do Brasil. Como um grande número de coreanos que reside no Brasil trabalha na indústria da confecção e já possui a experiência da área, eles tentam fixar-se no mesmo tipo de negócio ao reemigrarem. Pode-se ainda ilustrar o fato da reemigração da América do Sul para os EUA com a seguinte citação:

Baseado em estimativas da comunidade, acredita-se que 20.000 dos 300.000 imigrantes coreanos no sul da Califórnia, aproximadamente dez por cento da população, são imigrantes secundários de países sul-americanos. Geralmente, esses coreanos viveram de quinze a vinte e três anos na América do Sul antes de mudarem para os Estados Unidos (PARK, 1999, p. 669 – tradução livre)⁴.

Em alguns casos, afirma Joo (2007), a emigração para o Brasil já era parte de um plano, de acordo com o qual permaneceriam aqui temporariamente ao sair da Coreia, como um estágio intermediário antes de conseguirem emigrar para os Estados Unidos ou Canadá.

Para alguns, o motivo da reemigração para os EUA pode variar muito, mas entre os apontados por Joo (2007) encontram-se a vontade de oferecer aos filhos a oportunidade de uma melhor educação e perspectiva de vida, planos de viver em um país mais avançado e a certeza de que irão prosperar nos negócios como o fizeram no Brasil. Além disso, inclui-se o caso dos imigrantes que se estabelecem na América do Norte e conseguem levar o restante dos familiares

consigo para ter a família unida, seguindo assim as tradições. Park (2009) discorre também sobre casos de famílias que mandam seus filhos para estudar nos EUA e, posteriormente, conseguem levar a família toda para se estabelecer lá, e também casos de coreanos que deixam o Brasil por motivos de segurança. “Muita gente tem aquele sonho porque as melhores universidades estão lá [EUA], então, muita gente mandou os filhos para lá para estudar, ganhava o dinheiro aqui e mandava o filho para os Estados Unidos para estudar. Aí os filhos acabam ficando e chamam os pais” (E7).

A Entrevistada 3 relata o caso da sua família, em que o irmão, filho mais velho, formado em medicina no Brasil, foi para os EUA fazer um estágio e acabou se estabelecendo lá por ter conseguido uma boa oportunidade de trabalho. À medida que o irmão se fixou confortavelmente nos EUA, levou os pais que já estavam aposentados no Brasil. Nota-se, neste caso, o valor familiar coreano em que o primogênito se responsabiliza por cuidar dos pais quando alcançam certa idade. Soma-se, ainda, o fato de que além do irmão, a entrevistada possui também uma irmã mais nova, ou seja, os pais haviam ficado no Brasil com as duas filhas, contudo, quando as filhas casam, de acordo com a tradição, elas tendem a ficar mais próximas da família do marido. Esse é um caso no qual os valores culturais influenciam a migração de reunião familiar.

Durante a década de 1980, também conhecida como a década perdida na América Latina, a estagnação da economia brasileira e os altos índices de inflação, seguidos pela instabilidade político-econômica do início dos anos 1990, foram motivos significativos para que coreanos recém-estabelecidos no Brasil pudessem tentar uma nova vida nos Estados Unidos. Park (2009) afirma que, nesse caso, muitos coreanos simplesmente seguiram os passos de muitos outros brasileiros que tentaram emigrar para outros países em busca de melhores condições de vida.

É relatado no trabalho de Park que o fato do imigrante coreano já ter tido vivências distintas em outros países antes de chegar aos Estados Unidos lhe confere maior vantagem em relacionamentos pessoais e maior tolerância em questões sociais, como descrito abaixo:

O conceito de cultura transnacional também ajuda a explicar porque imigrantes coreanos da América do Sul conseguem desenvolver um papel mais estratégico em bairros multiétnicos nos EUA que outros imigrantes coreanos. Enquanto outros imigrantes avaliam a sociedade americana de uma perspectiva coreana ou não coreana, imigrantes transnacionais trazem consigo outros quadros de referência para questões que levam a uma variedade de soluções executáveis (1999, p. 671 – tradução livre)⁵.

Por outro lado, há aqueles que resolvem retornar ao Brasil depois de ter reemigrado para os Estados Unidos. Os motivos do retorno variam, segundo Park

(1999), no entanto, dentre eles destacam-se os de ordem social. Os coreanos sentem, por exemplo, que a questão racial no Brasil é levada menos a sério e, por isso, aqui são alvo de menos preconceito. Também percebem que a cultura coreana não é tão respeitada nos EUA e, por isso, diferentemente dos descendentes coreanos lá nascidos, os que nasceram na América do Sul, por apresentarem mais habilidades no idioma e por incorporarem mais características da cultura coreana, encontram-se mais expostos.

Por sua vez, uma minoria acabou retornando para a Coreia, e segundo Joo (2007), muitos deles são idosos, ou seja, imigrantes que chegaram ao Brasil em idade adulta e tiveram mais dificuldades em adaptar-se aqui. A Entrevistada 7 diz ter conhecimento de vários imigrantes coreanos com idade a partir de 60 anos que retornaram para a Coreia após terem juntado dinheiro no Brasil, ou mesmo para a realização de tratamentos médicos, pois lá se sentem mais confortáveis para se comunicarem.

Outro caso é aquele dos coreanos que chegaram ainda jovens ao Brasil, ou mesmo aqueles da segunda geração e que acabam retornando para a Coreia. Nesta última situação, os retornados coreanos-brasileiros tendem a encontrar mais dificuldades no processo de adaptação por já estarem mais familiarizados com os costumes e estilo de vida brasileiros. Estes *return migrants*, como chamados por Joo, enfrentam mais dificuldades em se readaptar à nova realidade e em redefinir sua identidade étnica, ora considerando-se brasileiros, ora coreanos.

Nota-se, inclusive, que atualmente os jovens coreanos que residem no Brasil, na sua maioria da segunda geração, valorizam mais a cultura e a identidade coreana do que aqueles que chegaram aqui vindos de um país onde viviam muito precariamente. Nesse sentido, a Entrevistada 4 relata:

[...] na década de 1990, a Coreia subiu muito de patamar, e junto com isso as mídias eletrônicas, internet, DVD, TV por satélite começaram a mostrar uma Coreia diferente, melhor do que o Brasil. Então, a juventude de agora tem como modelo de país a Coreia. [...] os pais não precisam falar para os coreanos agora que eles são coreanos, que eles não podem esquecer que são coreanos, porque o próprio jovem fala “eu sou coreano, a Coreia está melhor agora”; eles curtem mais música coreana. Isso é possível por causa da internet.

Em uma pesquisa realizada em 2008, por um grupo de estudantes da Universidade de São Paulo para o projeto *The Korean Immigration in the Americas* da *University of California – UCLA* (IM *et al.*, 2009), sobre a segunda geração de coreanos no Brasil, foram aplicados 106 questionários com brasileiros filhos de pai e mãe coreanos, com idade entre 15 e 18 anos. Notou-se que pouco mais da metade (56%) se considera mais coreano do que brasileiro, mostrando evidência do forte vínculo dos jovens com a cultura coreana.

Mesmo apresentando tal nível de identificação com a cultura coreana, a grande maioria dos jovens entrevistados (86%) respondeu que não gostaria de emigrar para a Coreia. Entende-se que, mesmo sendo muito jovens para decidir se gostariam ou não de se mudar para o país natal de seus pais, nota-se que um adolescente nessa idade está fortemente enraizado em seu país, em sua cidade, aos seus hábitos, e muito vinculado às pessoas com quem se relaciona.

Ao ser perguntada sobre a questão do retorno, a Entrevistada 7 responde que, em sua percepção, um coreano que vive no Brasil preferiria reemigrar para os Estados Unidos a retornar para a Coreia. A entrevistada acredita que coreanos que vivem e já estão acostumados ao estilo de vida ocidental encontram muita dificuldade em se adaptar à vida na Coreia atual, em suas palavras: “tudo é muito apressado, tudo é muito corrido, então a gente se sente meio sufocado quando vai para lá. [...] é meio alucinante, de competição. E as pessoas lá, acho que são mais frias, por causa da competição intensa” (E7).

Mesmo no caso de alguns adultos, é muito complexo o retorno para a Coreia ou a reemigração para outro país. O entrevistado 6 diz que gostaria ou talvez devesse retornar para a Coreia, especialmente por conta do crescimento do país e pelo fato da maioria da sua família ainda estar lá, mas acrescenta que já teve suas raízes retiradas e não pode mais voltar. Em suas palavras: “[...] uma vez que você tirou raiz, se colocar em outro lugar, outra terra, se colocar raiz errado não dá para sobreviver. Pensava... é melhor aguentar aqui”. Inclusive para esse indivíduo que já tem filhos adultos no Brasil, deixar tudo aquilo que foi construído no país que o acolheu, após ter saído de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, a ideia do retorno é um grande risco.

Ao discorrer sobre o impacto do retorno desses coreanos-brasileiros na Coreia, Joo (2007, p. 169 – tradução livre) sustenta que os coreanos do Brasil “mantiveram sua cultura e seus costumes mais do que qualquer outro grupo da diáspora coreana”⁶. No trabalho da autora, entende-se que tal fato se dá pelo motivo das comunidades imigrantes no Brasil gozarem de relativa tolerância, o que lhes permite manter suas práticas culturais com menos interferência da sociedade local, em oposição ao caso das comunidades coreanas nos Estados Unidos e Europa, que enfrentam problemas mais sérios de discriminação.

Mas a questão do retorno à terra natal não se resume ao simples fato de estar de volta entre os seus e em lugar familiar após ter conseguido a estabilidade social e econômica ambicionada ao deixar a Coreia. Encontram-se por trás desse processo diversas implicações na situação do emigrante/imigrante, da população receptora e da população deixada. O impacto social e individual (psicológico) é imenso.

Para Sayad, o retorno é fato intrínseco à ideia de emigração/imigração, e utilizando-se de uma metáfora, o autor ilustra que “o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra” (2000, p. 11).

Nesse sentido, sustenta o autor, o retorno envolve relações com o tempo, com o espaço e com os grupos – aquele que o acolheu (não necessariamente atribuindo a esse contato o adjetivo hospitaleiro), e o grupo que ele deixou. As relações com o tempo e com o espaço implicam a noção de poder voltar ao ponto e ao lugar de partida, assim como quando foram deixados. No caso do espaço, significa ainda a sacralização do lugar, onde somente nele o emigrante acredita estar em contato consigo mesmo.

Já a relação com os grupos envolve a necessidade de se adaptar e autoafirmar para conseguir seu novo espaço na sociedade receptora. No caso da sociedade que é deixada, buscam-se justificativas e desculpas pelo fato de tê-la abandonado, e carrega-se ainda afetivamente consigo o sentimento de fazer parte do grupo.

Assim, o imigrante coreano que deixa o Brasil e retorna à terra natal busca o contato com aquilo que acredita ser a sua essência. No entanto, não se pode ignorar o fato do imigrante ter vivenciado conjunturas e ter tido experiências que engendraram mudanças substanciais ao caráter e estilo de vida do indivíduo. Acredita-se que mesmo para aqueles que no Brasil viveram nos chamados enclaves étnicos⁷, o contato, mesmo que mínimo, com a cultura brasileira, transformou-os de alguma maneira.

Por isso, mesmo que o retorno à Coreia ou a reemigração, após a experiência da imigração no Brasil, possam ter sido facilitados pela internet e pela realocação dos vínculos sociais através da família e de amigos, o processo continua sendo traumático e doloroso.

Notas

1 - “[...] *today migrants encounter a social context that is much more tolerant of ethnic diversity and long-term transnational connections compared to the past when assimilation was demanded more strenuously*” (LEVITT et al., 2003, p. 569).

2 - <http://www.mofat.go.kr> Acesso em: 11 nov. 2010.

3 - Associação Coreana de Atacadistas de Vestuário dos Estados Unidos.

4 - “*Based on a community estimate, 20.000 of 300.000 Korean immigrants in Southern California, almost 10 percent, are said to be secondary migrants from South American countries. Generally, these Koreans lived for fifteen to twenty-three years in South America before relocating to the United States*” (PARK, 1999, p. 669).

5 - “*The concept of transnational culture also helps explain why Korean remigrants from South America can better play a strategic role in multiethnic U.S. neighborhoods than other Korean immigrants. While other immigrants evaluate U.S. society in either a Korean or a non-Korean way, multiply-displaced immigrants bring additional frames of reference to questions, leading to varied workable solutions*” (PARK, 1999, p. 671).

6 - “[...] *retained their culture and customs more than any parts of the Korean diaspora* (JOO, 2007, p. 169).”

7 - Caracterizado como um padrão de territorialização de minorias nas cidades, onde há “concentração de grupos específicos baseada em escolhas voluntárias, como o desejo de constituição de relações de vizinhança, manutenção de elementos de cultura ou religião, proximidade de equipamentos de comércio e serviço específicos, direito à manutenção da língua nativa” (CYMBALISTA e XAVIER, 2007, p. 121).

Referências

- CHOI, Keum Joa. *Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH-USP, São Paulo, 1991.
- CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara. A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. *Cadernos Metrópole* 17, 1º sem. 2007, p. 119-133.
- IM, Yun Jung et al. *The second generation of Koreans in Brazil: a portrait*. Korean Studies Group - University of São Paulo. UCLA Center for Korean Studies, 2009. Disponível em: <http://www.international.ucla.edu/korea/latin/article.asp?parentid=112_638>. Acesso em: 6 jun. 2010.
- JOO, Jong-Taick. Korean return migrants from Brazil: ethnic and economic aspects. *Korea Journal*. Summer, 2007.
- LEVITT, Peggy et al. International Perspectives on Transnational Migration: An introduction. *International Migration Review*, New York, v. 37, nº 3, p. 565-575, 2003.
- MERA, Carolina. *Diáspora coreana en América Latina*. Publicación del II Encuentro Latinoamericano de Estudios Coreanos, 2005. Disponível em: <<http://ceaa.colmex.mx/estudioscoreanos/images/mera.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2010.
- PARK, Kyeyoung. "I am floating in the air": creating of a transnational space among Korean-latin American remigrants. *Positions*. Duke University Press, vol. 7, nº 3, 1999.
- PARK, Kyeyoung. *A rhizomatic diaspora*. Transnational passage and the sense of place among Koreans in Latin America. 2009. Disponível em: <<http://web.international.ucla.edu/article.asp?parentid=112643>>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, ano XIII, número especial, jan. 2000.

RESUMO

O presente artigo busca discutir os temas da reemigração e do retorno no processo de imigração coreana no Brasil. Objetiva apresentar a discussão existente na literatura especializada sobre o tema da reemigração e do retorno dos coreanos, bem como as representações de nove imigrantes coreanos sobre esse processo. Constata-se que o contato, mesmo que pequeno, com a cultura brasileira, transformou-os de alguma maneira e, apesar da facilidade advinda da tecnologia que permite a aproximação e a realocação dos vínculos sociais pela família e amigos, o processo continua sendo traumático e doloroso.

Palavras-chave: imigração coreana; reemigração; retorno.

ABSTRACT

This article discusses the processes of remigration and return of Korean immigrants in Brazil. It aims to present the discussion in the existing literature on the subject of remigration and the return of Koreans, as well as the representations of nine Korean immigrants on this process. It appears that although the contact with Brazilian culture is not so significant, it has somehow changed them. Despite the fact that technology has made it easier for them to get closer social ties and the relocation of the family and friends, the process continues to be traumatic and painful.

Keywords: Korean immigration; remigration; return.

